

MORTE E VIDA SEVERINA: DO HIPOTEXTO AO HIPERTEXTO

Rogéria Magrone*

RESUMO

Este estudo aborda o poema “Morte e vida Severina”, de João Cabral de Mello Neto (09/01/1920 – 09/10/1999), escrito entre 1954 e 1955, em que o poeta descreve o Nordeste, em especial o Recife. Mostra, com emoção, a realidade miserável do pernambucano que foge da seca em busca da capital e termina em uma favela ribeirinha, como muitos Severinos apresentados pelo escritor como sócios da fome. O objetivo deste trabalho é comparar o texto “Morte e vida Severina” e o texto fílmico homônimo. Para tanto, pretende-se mostrar que o autor tematiza o itinerário do retirante nordestino, partindo do sertão em direção ao litoral, em busca de sobrevivência, devido à seca e às precárias condições de vida do povo sertanejo.

Palavras chave: Morte e vida Severina. Hipotexto. Hipertexto. João Cabral de Mello Neto.

ABSTRACT

This study deals with the poem “Morte e vida Severina”, by João Cabral de Mello Neto (9th Jan. 1920 – 9th Oct. 1999) written between 1954 and 1955, in which the poet describes Brazilian Northeast and Recife in particular. It shows with emotion the miserable reality of the people from Pernambuco state who escapes from draught searching for better life in the state capital and they end in a riverside slum, like many Severinos presented by the writer as famine partners. The aim of this essay is to compare the text “Morte e vida Severina” with its movie adaptation with the same title. For such, it is intended to demonstrate that the author thematizes the journey of the Northeast inhabitant who leaves the bushlands heading to the seashore hoping to survive due the draught difficulties and low conditions of life of Sertanejo people.

Keywords: Morte e vida Severina. Hypotext. Hypertext. João Cabral de Mello Neto.

*Mestranda em Letras/CES-JF.

1 INTRODUÇÃO

“Morte e vida Severina” é um poema de João Cabral de Mello Neto (09/01/1920 – 09/10/1999) escrito em 1954/55, em que o poeta descreve o Nordeste, em especial o Recife, mostrando com emoção a realidade miserável do pernambucano que foge da seca em busca do Recife e termina numa favela ribeirinha, como muitos Severinos apresentados pelo escritor como sócios da fome. A origem do poema encontra-se em um pedido de Maria Clara Machado¹ ao poeta, para que ele compusesse um Auto de Natal a ser encenado. Maria Clara, entretanto, alegando ser o poema muito extenso para encenação, recusou-o. João Cabral, então, procedeu à sua publicação, lançando-o no livro **Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta**, pela editora José Olympio.

João Cabral transcende a definição de auto, forma medieval de caráter popular e temática religiosa, cuja finalidade é celebrar acontecimentos religiosos, apelando para a devoção popular. Ele acrescenta à forma auto a modernidade, traduzida através da trajetória da personagem Severino, um nordestino pobre e retirante que vai tentar a sorte na cidade grande – Recife.

O poema se divide em 18 cenas ou fragmentos poéticos, todos com um título explicativo. As doze primeiras cenas descrevem a peregrinação de Severino, que tenta seguir o rio Capibaribe, interrompido devido à seca. Severino sai do sertão, fugindo da morte e a encontra em toda a parte, até no Recife, para seu desespero. Nessas cenas, alterna-se o monólogo de Severino a diálogos que trava ou escuta no caminho.

As últimas seis cenas são a apresentação do presépio, do encontro com a vida, em que se celebra o nascimento do filho de José, mestre Carpina. O poema encerra com uma apologia à vida, mesmo Severina. Cabe lembrar que essas cenas foram extraídas do folclore pernambucano.

O presente estudo tem como objetivo comparar o texto do poema “Morte e vida Severina” e o texto fílmico homônimo. Para tanto, pretende-se mostrar que o autor tematiza o itinerário do retirante nordestino, ao partir do sertão em direção ao litoral em busca de sobrevivência devido à seca e às precárias condições de vida do povo sertanejo.

Tanto o hipotexto quanto o hipertexto, adaptado por Walter Avancini², mostram criticamente a dura realidade sertaneja, não deixando de enfatizar o folclore,

¹Natural de Belo Horizonte – MG / nasceu em 3/4/1921 e faleceu em 30/4/2001. Escritora e dramaturga brasileira, autora de famosas peças infantis, é fundadora do Tablado, escola de teatro.

²Walter Nunciato Abreu Avancini, natural de São Caetano do Sul, nasceu em 18/04/1935 e faleceu no Rio de Janeiro/RJ em 26/09/2001, foi escritor, autor e diretor de telenovelas e minisséries.

o regionalismo nordestino e a vida seca e áspera do sertão, onde o homem sobrevive na adversidade e à míngua na miséria do Nordeste. Pode-se comparar a história de Severino com a de Fabiano, protagonista de **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos (1986), obra em que Fabiano, Sinhá Vitória e seus filhos sem nome fogem da seca, como tantos outros Severinos.

2 MORTE E VIDA SEVERINA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO HIPOTEXTO COM O HIPERTEXTO FÍLMICO

O diretor Avancini, ao adaptar “Morte e vida Severina”, transporta para o hipertexto a seca do Nordeste, a fome, a miséria, a morte e a vida, transmitindo para o público, através de seu protagonista Severino, a realidade Severina do Nordeste, tal como apresentada no hipotexto.

O hipertexto foi apresentado pela Rede Globo de Televisão, em 1981, com uma linguagem própria do povo nordestino, imagens reais e marcantes do Nordeste brasileiro.

Após análise do texto **Tipologia das transposições do livro ao filme**³, ocorre no cinema certa inexactidão terminológica. Diante desse fato: “[...] quando um filme de ficção não se apóia em um roteiro original, pode-se ler nos letreiros fórmulas como ‘adaptação de [...]’ ou ‘inspirado em [...]’ (MOUREN, 2006, não paginado). Contudo, o termo mais empregado é adaptação. Mouren ressalta “[...] que há casos em que os autores do roteiro têm consciência de que o trabalho que eles fizeram para ‘transportar à tela’ tal ou tal livro é diferente daquele que, geralmente, o termo ‘adaptação’ se aplica”. (MOUREN, 2006, não paginado).

Sendo assim, Mouren destaca três tipos de transposição do livro ao filme:

- (1) no caso mais simples, que se chama “adaptação”, o cineasta ou os roteiristas partem de um romance (ou de uma novela) único e fazem dele um filme de ficção;
- (2) mais raramente, o autor ou os autores do roteiro partem de muitos (mais frequentemente dois) romances e novelas e fazem deles um filme de ficção, contando uma história única (o filme em esquetes não faz, portanto, parte dessa categoria);
- (3) às vezes, os autores do roteiro partem de uma ou de várias obras não-narrativas (e não ficcionais), tais como memória, relato, diário, minuta de processo (todo texto não ficcional que não conta uma história começando por uma situação inicial estável e terminando por um retorno a uma situação estável) e fazem delas um filme de ficção, contando uma história única. (MOUREN, 2006, não paginado).

³Texto traduzido do original em francês para a língua portuguesa pela Prof^a Dr^a Maria de Lourdes A de Oliveira. [Mimeo].

Ao estudar a adaptação, o autor propõe partir de um ponto de vista teórico-narratológico, o que ocorre quando uma narrativa ou uma novela torna-se um filme de ficção. Assim, distinguem-se três níveis no seio da narrativa:

[...] (1) a diegese (no sentido de universo de onde vem a história); (2) a história (a sucessão de acontecimentos); e (3) as personagens, não enquanto possuidoras de uma psicologia, e mesmo de uma metafísica, mas enquanto seres de ficção, providos (ou não) por seus autores de idade, de situação social, elementos nitidamente mais identificáveis que sua interioridade ou sua psicologia. (MOUREN, 2006, não paginado).

Mouren (2006) empresta de Genette os termos hipotexto - texto de partida e hipertexto - produção audiovisual. O hipertexto transporta o hipotexto para um quadro geográfico e histórico o mais próximo possível do espectador. São transposições diegéticas (modificações do quadro espacial, temporal, social), isto é, a transposição de uma ação praticada num espaço geográfico para outro ou de uma época para outra e até mesmo as duas coisas juntas. As transposições pragmáticas das quais se utilizam os roteiristas podem ser intencionais.

É interessante ressaltar que a escolha cabe a todo aquele que se entrega a uma adaptação:

[...] seja guardar exatamente as mesmas ações e os mesmos encadeamentos que os conteúdos do hipotexto escrito, seja modificá-los acrescentando e/ou substituindo outras ações ou outros conteúdos. Não existe nenhum princípio geral objetivo que explique a escolha do adaptador por uma dessas três opções, a não ser uma necessidade econômica. (MOUREN, 2006, não paginado).

Assim, ao adaptador cabe a discussão de suprimir ou acrescentar ações, segundo critérios múltiplos, dependendo de parâmetros ainda mais numerosos e muito variáveis. Não é necessário examinar as adaptações cinematográficas ou televisivas para se chegar à conclusão de que, em número de personagens, a tendência geral é a de apresentar um número inferior ao hipotexto. O número de personagens que o hipotexto apresenta, ativando a imaginação, faz-se presente ao se visualizar o hipertexto.

Avancini, ao adaptar o hipotexto, não deixa marcas nítidas de suposta necessidade econômica. A redução no hipertexto é percebida quando se faz uma apreciação – hipotexto/hipertexto.

O poema “Morte e vida Severina” traz como subtítulo Um auto de natal pernambucano, inspirado nos autos pastoris medievais ibéricos, e se espalha na cultura popular nordestina, trazendo, junto ao título, todo o significado presente no poema. A inversão da ordem natural de vida e morte para morte e vida já leva à compreensão de que se trata de uma vida, na qual a morte se faz presente. Acoplada

a esses substantivos, depara-se com a adjetivação do substantivo próprio, Severino, para Severina, remetendo, assim, à idéia de escassez, pobreza e anonimato. Essa adjetivação provém do protagonista Severino, que insiste em reafirmar o caráter comum de seu nome, imprimindo-lhe uma conotação de sofrimento.

E se somos Severino
Iguais em tudo na vida,
Morremos de morte igual
Mesma morte Severina [...]
(MELO NETO, 1984, p. 71)

Já em sua apresentação, a personagem se mostra como um homem que, quanto mais tenta se definir, menos se individualiza, pois possui traços comuns aos de muitos outros homens. A cena mostra a seca do Nordeste e o sofrimento do povo nordestino, com muita terra inútil, sem uma gota d'água para poder cultivar toda essa terra.

O monólogo de abertura é composto por sessenta e quatro versos. Nos trinta primeiros versos, Severino, em sua caminhada pela seca nordestina, tenta apresentar-se ao público, mas a falta de individualidade e a pobreza do sertanejo o impedem de uma melhor apresentação e identidade. Severino segue à margem do rio Capibaribe, seu guia, com destino a Recife, onde pensa não haver seca nem morte Severina.

Nos vinte e oito versos e cenas seguintes, Severino continua sua caminhada à procura de uma terra melhor onde possa cultivar, onde a seca não seja tão cruel, descrevendo os Severinos do sertão, iguais na fome e no destino de vida e morte antes dos trinta. A descrição da vida Severina inicia-se com a morte Severina.

A personagem Severino de retirante nordestino passa a ter uma dimensão humana, tratando de questões relativas ao sentido da vida. Ele é o homem que sofre e, a partir desse sofrimento, é criada uma simbologia para representar o coletivo, passando a ser, não apenas a representação do símbolo nordestino, mas, sim, de todo o sofrimento humano.

Esta é uma obra de constante movimento espacial. Não há estaticidade. O protagonista sai do sertão, espaço tomado pela seca, onde, portanto, há sofrimento. Dirige-se ao agreste em que, segundo ele, não deveria haver tanta miséria, devido à possibilidade de cultivo (cana-de-açúcar). Seu percurso encerra-se com a chegada ao litoral. Nesse local, onde há água em abundância, não deveria, segundo Severino, existir miséria, pois em sua concepção, ela está vinculada à seca. Entretanto, suas esperanças se esvaem com a constatação de que também no litoral a miséria preside. Conclui-se, portanto, ser esta uma questão muito mais social que geográfica, devido à exploração do homem pelo homem.

O rio Capibaribe, a que o autor faz referência no hipotexto, visualizado no

hipertexto, é tomado pelo protagonista como um guia, pois, assim como Severino, ele também sai do sertão e é tão pobre que não consegue cumprir sua sina. Ele não é um rio comum, pois adquire caracterização humana a partir do momento em que Severino estabelece uma comparação entre ambos: o rio, assim como um homem que teve suas pernas amputadas, não pode seguir seu percurso, já que também foi marcado pelo sofrimento da seca e cortado no verão.

O protagonista pára à margem do rio ao final de seu percurso e inicia sua fala duvidosa acerca do caminho a seguir, pois, com a seca do rio, Severino perderá seu referencial.

Cabe lembrar que o rio Capibaribe nasce na serra do Jacará em Brejo da Madre de Deus, divisa de Pernambuco com a Paraíba, possui cerca de 74 afluentes e que sua fluente até a cidade de Limoeiro, no verão, seca.

Se no exemplo anterior havia a imitação do modelo humano pelo rio, agora é Severino que pensa em imitar o Capibaribe.

O caminho de Severino é, pois, árduo e cheio de turbulência. Todo o tempo ele se depara com a presença da morte. Embora estivesse emigrando em busca de vida, o que se lhe apresentava, se não era a morte, era vida Severina.

Ao longo de sua jornada, Severino defronta-se com mais uma cena corriqueira daquela região: o ritual do enterro de um homem pobre, embrulhado numa rede para ser enterrado, levado por dois outros homens. Esse defunto era, também, um Severino, igual a ele mesmo e a tantos outros. A personagem interessou-se pela história do defunto e descobriu que ele morrerá de morte Severina.

Podemos verificar a questão da terra relacionada a esse defunto, pois ele tinha sido morto numa emboscada, cuja causa fora um pedaço de chão. Quem cometeu esse crime, no entanto, ficaria impune, e sair-se-ia vitorioso, herdando mais campo, onde poderia fazer “voar” mais “suas filhas bala”. Composta de versos livres, essa cena, a partir da perspectiva da vida de privação que se leva no sertão, caracteriza-se pela ironia.

O autor utiliza uma linguagem singular e metafórica para descrever o instrumento do crime, como “ave bala” (1984, p.73), “filhas bala” (1984, p. 75), “Pássara” (1984, p. 74), tudo isso dando características orgânicas a esse elemento inanimado, recurso bastante peculiar na poesia de João Cabral.

Ainda em relação ao episódio do defunto, deve-se ressaltar a comparação entre sua condição e a de Severino, que se coloca numa posição inferior à do homem morto, pois a personagem acredita que a interrupção daquela vida miserável, embora de maneira brusca, seria mais vantajosa, porque livrara aquele homem de continuar levando uma vida subumana.

João Cabral moderniza em seu hipotexto as formas fixas das excelências, que são formas de orações fúnebres. De acordo com a tradição, existe um ritual simbólico

de orações para que o defunto passe pelo rio, havendo, assim, a transcendência da alma. Ele interfere na forma desse ritual, acrescentando-lhe que não é necessário levar (as excelências) consigo nessa passagem, pois os nordestinos já trazem a vida miserável que tiveram, uma vida de privação, de negação, fome, sede. Isso tudo parece significar a certeza de se conseguir algo melhor no céu.

No hipertexto a cena se torna mais triste; um grupo de pessoas vela o corpo do finado Severino, com uma cantoria própria dos costumes regionais, para encomendar o corpo do falecido.

Em outra cena, existe o confronto entre vida e morte. Porém, dessa vez, a morte não é vista, mas apenas referida. O protagonista dialoga com uma rezadeira que está na janela, tentando demonstrar a produtividade da vida, buscando conseguir um emprego e parar sua peregrinação. Ela, entretanto, contesta sempre, argumentando que só a morte trazia produtividade, uma vez que, naquele lugar, viver da morte parecia ser a única maneira de se conseguir sobreviver por existir emprego apenas para os profissionais ligados à morte - rezadeiras e coveiros. Qualquer outra hipótese de trabalho, seja nos engenhos ou na agricultura, ficaria eliminada. Assim, apenas as “[...] profissões que fazem da morte ofício ou bazar [...]” (1984, p. 84-5), prosperavam. Essa cena é feita com um diálogo em que o protagonista apresenta suas respostas com musicalidade. Assim, Avancini, ao selecionar seus atores, buscou a cantora Elba Ramalho para representar a rezadeira, podendo, dessa forma, trabalhar com a musicalidade sem problemas.

Pode-se notar, uma crítica social, por tratar questões ligadas ao desemprego, vida subumana, fome e miséria. Severino continua seu percurso com a intenção de chegar ao Recife.

No hipotexto, Severino percorre seu caminho, sem parada ou descanso, enquanto no hipertexto foi possível mostrar Severino descansando à margem de uma fogueira e dormindo, continuando ao amanhecer, descansado, sua peregrinação.

O retirante, quando chega à Zona da Mata, encantado com a aparência de terra frágil e amansável, descreve-a como uma terra feminina. Ele se surpreende com a vitalidade das águas daqueles rios e começa a vislumbrar algum sinal de esperança.

O retirante pensa: “[...] - Nunca esperei muita coisa [...]” (1984, p. 91). Desencantado com a vida, uma vez que só a morte encontrara em todo seu percurso, Severino chega ao cais do Rio Capibaribe e reproduz, em sua fala, sua vida Severina juntamente com sua morte.

Após alguns momentos de reflexão, Severino, que, em toda sua trajetória, deparara-se com a morte, passa a contemplar a idéia de suicídio. Desiludido com a vida sofrida e miserável que leva e enquanto cria coragem para se atirar no rio Capibaribe, Severino se aproxima de José, o mestre Carpina, com quem senta à

margem do rio, iniciando um diálogo. O retirante faz uma série de perguntas ao mestre Carpina, demonstrando com clareza sua descrença e desilusão com a vida. Suas perguntas, entretanto, são respondidas com sapiência e prudência.

Severino, no entanto, vai além com suas perguntas e chega à questão chave:

Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?[...]
(MELO NETO, 1984, p.103).

De repente chega uma senhora e interrompe a conversa com a notícia de que nascera o filho de José, mestre Carpina. Tal nascimento pode ser considerado como uma resposta para Severino, que, ao invés de saltar para a morte, poderia fazer o contrário e como a criança, saltar para a vida.

Do mangue surgem duas ciganas sujas com a lama do mangue, dizendo terem vindo do Egito e prevêem, olhando para o recém-nascido, o seu futuro: a primeira prognostica um futuro de pescador de siri e camarão; a segunda preconiza-o como operário “[...] não é lama, é graxa de sua máquina [...]” (1984, p. 109) que se mudaria para um mocambo melhor nas margens do Beberibe, outro rio que corta o Recife.

A cena final mostra o mestre Carpina e Severino, sentados à margem do rio, na continuação do diálogo, interrompido pelo nascimento do filho do mestre, quando Severino nada diz, apenas ouve José, mestre Carpina, responder-lhe à pergunta-chave que ele lhe houvera feito.

O hipertexto termina com a palavra de José, mestre Carpina. Severino, curiosamente, silencia para ouvir seu mestre, com olhar distante e perdido. Sem sorte ou esperança, Severino conclui que a vida, mesmo Severina, deve ser vivida conforme os dizeres de mestre Carpina.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O hipotexto “Morte e vida Severina” narra a história de um retirante, Severino, que sai do sertão nordestino numa peregrinação até o Recife, procurando vida, pois seu caminho tem a marca constante da morte Severina. Severino, no fim de sua peregrinação, presencia o nascimento de uma criança que, mesmo destinada à sorte igual à de tantos Severinos retirantes, vence a morte e mostra a vitória da vida.

O hipertexto mostra fidelidade na adaptação, embora não seja uma tradução;

são duas obras primas que dialogam entre si. Enquanto o hipertexto cria a poesia através das imagens, da ação, o hipotexto o faz através das palavras e da reflexão.

No hipertexto observa-se que Avancini (1981), ao mostrar um cenário com crianças de aparência saudável e dentição perfeita, descaracteriza a realidade infantil nordestina, em que, normalmente, as crianças são desnutridas, sem dentição e sem perspectiva de sobrevivência. Já as outras personagens adultas mantêm as características pessoais e regionais dos Severinos do Recife, apresentadas no hipotexto.

A musicalidade, que, obviamente, não se apresenta no hipotexto, é marca importante no hipertexto, no qual, através da melodia rude e típica da região, os diálogos são apresentados pelo canto que transmite, por meio da música, da vida árdua do sertão nordestino.

O hipertexto é menor que o hipotexto, redução que, no entanto, dá-se sem comprometimento do hipotexto, sem interferência negativa nos quadros temporais, espaciais e sociais da obra.

Tanto o hipertexto quanto o hipotexto passaram a mensagem através de seu protagonista Severino que, embora cansado da vida e da miséria, aponta que a vida mesmo Severina, deve ser vivida.

Artigo recebido em: 05/09/2008

Aceito para publicação: 14/10/2008

REFERÊNCIAS

MORTE e vida Severina. Direção de Valter Avancini. Rio de Janeiro: Central Globo de Produção, 1981. VHS, son, color.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

MOUREN, Yannick. **Tipologia das transposições do livro ao filme.** Tradução de Maria de Lourdes Oliveira Abreu. Juiz de Fora: 2006. mimeo.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** Rio de Janeiro: Record, 1986.